

Quarteto era monitorado pelo regime

Em sua pesquisa, autor descobriu que várias canções do espetáculo sofreram sanções da censura

A pesquisa de Abrahão nos arquivos do Ministério da Aeronáutica revelou um dossiê que mostra como o governo militar mantinha o quarteto sob vigilância. A prisão de Gilberto Gil por porte de maconha em Florianópolis, no dia 7 de julho de 1976 — que interrompeu a turnê e o obrigou a se submeter a um tratamento de reabilitação no Instituto Psiquiátrico São José — serviu de pretexto para intensificar o monitoramento. O percussionista Djalma Corrêa e o baterista Chiquinho Azevedo também foram presos. “Gil saía do hospital e ia direto para os shows, depois tinha que voltar. Ficava uma viatura na porta”, lembrou Djalma em entrevista anos depois.

Além disso, Abrahão descobriu documentos inéditos que mostram que, além do já conhecido veto a “Como São Lindos os Chineses” (de Péricles Cavalcanti), outras quatro canções do repertório sofreram sanções: “Os Mais Doces Bárbaros”, “Nós, Por Exemplo”, “O Seu Amor” e “Um Índio” foram consideradas impróprias pelas forças de repressão e tiveram trechos alterados para serem liberadas.

“A resistência dos Doces Bárbaros foi, em certa medida, algo paradoxal: afirmar a possibilidade de alegria, amor e frescor em um país que apenas começava a sonhar com o retorno das liberdades civis”, escreve Abrahão. “Caetano disse que eles eram uma ‘nova raça’: uma geração por vir, que sofreu com a repressão, mas já sentia o retorno da vida. A força criativa dos Doces Bárbaros está no fato de que vislumbravam, em 1976, sujeitos próprios de um Brasil que só viria a existir em 1988, com a Constituição Cidadã. Por isso, considero os Doces Bárbaros uma verdadeira utopia de liberdade.”

Do ponto de vista discográfico, o álbum duplo ao vivo “Doces Bárbaros — Ao Vivo”, lançado pela Philips/PolyGram em 1976, ocupa uma posição ambígua na história da música brasileira. É um cult-clássico disputado por colecionadores, mencionado em listas de melhores discos ao vivo da MPB — mas não foi um sucesso comercial imediato como os trabalhos individuais que os quatro lançavam em paralelo.

Abrahão aponta duas razões principais. A primeira é que o LP trazia um repertório praticamente inédito, composto em tempo recorde — ao contrário do que o público poderia esperar, não era uma coletânea de sucessos do passado. “Não era uma reunião dos êxitos radiofônicos de Gal, Gil, Maria Bethânia e Caetano”, explica. A segunda, e mais decisiva, foi a recepção dos críticos. “Foram implacáveis: atacaram aspectos técnicos, a capa, o repertório etc.” De fato, gravações ao vivo nos anos 1970 apresentavam limitações técnicas inevitáveis — e os próprios artistas reconheciam os problemas pontuais do registro. Havia ainda a polêmica de que quatro faixas

tante na carreira de cada um dos seus quatro integrantes. Todos absorveram, cada qual a seu modo, a experiência de reviver, mesmo que por poucos meses, a alegria de um trabalho coletivo, com foco no grupo, não nos indivíduos.” Ele destaca que Gal atribuía à convivência com Maria Bethânia uma transformação em sua performance de palco — e que o LP “Caras e Bocas”, lançado logo depois, trazia como ponto comum a mistura de estilos, um traço claramente herdado do repertório dos Doces Bárbaros.

“O Doces Bárbaros ‘reformulou’ Gal — para usar uma palavra que ela mesma empregou em 1976”, diz Abrahão. “Mas essa reformulação só ocorreu porque os quatro estavam com saudades de estarem juntos nos palcos, como iniciantes, após mais de dez anos dedicados às carreiras solo.” Havia também um componente pessoal: Gal havia iniciado psicanálise, ioga e macrobiótica na mesma época — um conjunto de transformações que o projeto coletivo catalisou.

Os Doces Bárbaros não foram um projeto de ocasião única. Em 1994, dezoito anos depois da turnê original, os quatro desfilarão juntos na Estação Primeira de Mangueira, que os homenageou com o samba-enredo “Atrás da Verde e Rosa Só Não Vai Quem Já Morreu” — paródia de “Atrás do Trio Elétrico”, lançada por Caetano em 1969.

Em 2002, veio o reencontro mais aguardado: 26 anos depois, os quatro voltaram a se apresentar como Doces Bárbaros em dois shows históricos ao ar livre — no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e na Praia de Copacabana. O registro dessa reunião gerou o documentário “Outros (Doces) Bárbaros” (2004), dirigido por Andrucha Waddington, que capturou não apenas as apresentações, mas os ensaios e os bastidores do reencontro. As imagens mostram Gal e Bethânia trocando olhares e sorrisos durante “Esotérico”, e Caetano discutindo com um jornalista durante uma coletiva — pequenos retratos da dinâmica do grupo, com toda a tensão e afeto que a acompanhavam.

Se os Doces Bárbaros fossem apenas um capítulo da história da música brasileira, já teriam seu lugar garantido. “O grande legado existencial dos Doces Bárbaros consiste em reconhecer a força das amizades, dos encontros, dos afetos e dos amores como fator necessário — mas não suficiente, pois também precisamos de organização política — para lidar com os ciclos de barbárie humana que insistem em nos rodear de tempos em tempos”, escreve Abrahão. “Contra as expressões ideológicas de ódio, contra a incivilidade, o fascismo e o desrespeito às liberdades fundamentais e à vida, não podemos dispensar as amizades que unem aqueles que desejam uma existência pautada pelo respeito às diferenças e à diversidade de visões de mundo.”

Meio século depois, a doçura e a barbárie seguem conversando.

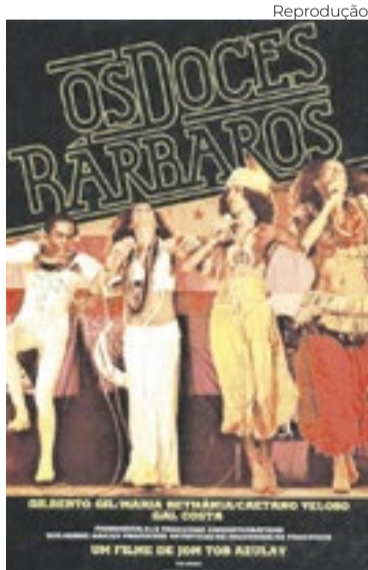


Divulgação



Divulgação

Luiz Abrahão colheu depoimentos e pesquisou documentos de época para produzir o livro; Capa de ‘Mistério Sempre Há de Pintar Por Aí’, o primeiro livro dedicado à trajetória dos Doces Bárbaros



Reprodução

Cartaz do documentário de Tom Job Azulay, (ao lado) que registrou a turnê



Divulgação

“Viver sob um estado de exceção é viver permanentemente sob vigilância militar. A gente tende a naturalizar embora sabendo tentando não sentir para se conseguir levar a vida, compreende? Esse é o drama de se viver sob uma ditadura”

JOM TOB AZULAY

(“Esotérico”, “Chuckberry Fields Forever”, “São João Xangô Menino” e “O Seu Amor”) haviam sido lançadas antes como gravações de estúdio num compacto duplo, o que gerou questionamentos sobre a “pureza” do registro ao vivo.

Mesmo assim, algumas canções chegaram a tocar nas rádios. “Peixe” integrou a trilha sonora do Sítio do Picapau Amarelo. Mas o registro coletivo não competiu com os discos solo que os quatro lançaram no mesmo período — e o status de obra de culto só viria com o tempo, alimentado pelo valor documental e pela raridade do encontro.

A evolução de Gal

Entre os quatro integrantes, talvez nenhum tenha sido tão transformado pela experiência dos Doces Bárbaros quanto Gal Costa. A cantora que até então era vista como a musa do desbunde — imagem construída nos anos tropicalistas e nos discos da primeira metade dos 1970 — emergiu do projeto com uma nova segurança cênica e uma abertura estética que marcariam seus trabalhos seguintes.

Abrahão confirma essa leitura com nuances. “O projeto Doces Bárbaros teve um impacto impor-